

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

RELAÇÕES DE GÊNERO EM UM AUTO DE DEFLORAMENTO

Fernanda Assunção Dias Cerqueira¹ e Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz²

¹ Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em História (Licenciatura), Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: fernandadiascerqueira@gmail.com

² Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rcrqueiroz@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Filologia, Auto de defloração, Relação de gênero.

INTRODUÇÃO

Entendendo que os documentos, quaisquer que sejam a sua espécie, registram fatos, ou melhor, cristalizam e marcam comportamentos de uma época que estão ligados a questões várias como a religiosidade, a língua, enfim, às questões comportamentais de um grupo social, acredita-se que este trabalho poderá servir à chamada história que não foi oficializada a partir do olhar sobre o gênero na perspectiva tanto filológica quanto histórica. No âmbito da filologia, por permitir a todos e quaisquer pesquisadores o contato tanto material (o próprio documento) quanto imaterial (a memória). Sendo assim, esta pesquisa contribui para uma análise do gênero abrangendo Feira de Santana, bem como para futuros estudos que abarquem uma extensão geográfica maior, proporcionando às gerações vindouras o contato com a história local e nacional. Espera-se que, com esta pesquisa, os resultados obtidos sirvam não somente para a comunidade acadêmica, estudantes secundaristas, pesquisadores, professores, mas para a sociedade como um todo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais utilizados ao longo da pesquisa são: o auto de defloração, textos que versam sobre edição de documentos manuscritos, sua preservação, bem como estudos sobre relações de gênero. O auto de defloração selecionado encontra-se catalogado no Centro de Documentação e Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEDOC – UEFS).

Para a descrição do documento foram observados os seguintes itens: o número de linhas e colunas da mancha escrita, número de abreviaturas, tipo de papel, tipo de escrita, data do manuscrito, existência de ornamentos. Para a descrição do documento foi de grande relevância: conservar a escrita da época; respeitar fielmente o texto: linha, fôlio, etc.; desdobrar as abreviaturas, apresentando-as em itálico e negrito; unir e separar palavras. Após a edição, procedeu-se ao estudo das relações de gênero com base nos trabalhos de: Foucault (1997) e Sueann Caulfield (2000).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A filologia, sendo a base do estudo, é uma ciência antiga que ajuda no desrinchamento da pesquisa, além também de colaborar para a preservação da memória cultural e manutenção do próprio documento. O pesquisador, ao utilizar-se principalmente do documento escrito como fonte, defronta-se com muitas dificuldades como, por exemplo, forma gráfica diversa da atual; descuidos de redação; falta de clareza na exposição do assunto; abreviaturas; sistemas de numeração, unidades de peso e medida e sistemas monetários pouco conhecidos. A isto se devem acrescentar os problemas de ordem externa, tais como as manchas, corrosão por traças e pela tinta, ação do calor, água, umidade e manuseio. É importante salientar que o documento manuscrito é considerado a mola-mestra da história. É indiscutível que ele proporciona recursos inestimáveis ao historiador, representando o melhor testemunho do passado, fonte direta de informação básica para o estudo da história. Por conta

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

disso, as fontes documentais são consideradas matéria prima dos historiadores e pesquisadores.

As fontes judiciais são uma das mais exploradas pelo pesquisador, pois ela reflete toda a dinâmica e mentalidade da época a ser estudada, sendo esta fonte estudada neste trabalho.

Referentes ao auto de defloração, após o entendimento de sua importância, chegamos a fins de fato na pesquisa. Pesquisa esta que tem como tema principal a relação de gênero dentro do auto de defloração. Neste sentido, o auto estudado é do início do século XX, lavrado em 1902, e pertence ao fórum Desembargador Filinto Bastos, porém no momento está sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC) que se encontra no *campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que mantém um acordo com o fórum Desembargador Filinto Bastos. O documento é descrito da seguinte maneira: série Defloração, seção: judiciário; escrito em papel almaço, pautado, com as dimensões de 360mm X 320mm, contendo 14 fólios. Um auto de defloração nos fala muito sobre a sociedade em que se está inserido. Sendo assim, com o documento sob análise não poderia ser diferente, pois estão presentes no processo marcas de uma “sociedade patriarcal” que legitimou o pensamento social de dominação masculina, pelo viés informal ou de maneira institucional, através da igreja, da família, da educação, dos códigos jurídicos, estabelecendo discursos e valores tidos como 'naturais' e aparentemente indiscutíveis, influenciando as práticas coletivas, determinando o ir e vir dos sexos, os seus locais de sociabilidade. Pela fala dos homens na sociedade foi estabelecido às mulheres um comportamento submisso, uma sexualidade assexuada, um espaço, o lar, um destino, a maternidade. Nas entrelinhas deste discurso encontram-se as ligações com o 'poder', em que as mulheres são convencidas a aceitarem sua condição de subserviência e os homens se mostram como os senhores do mundo. Nestas relações entre os gêneros, nem sempre o sexo feminino acatou este padrão; ocorreram manifestações que contrariaram estes “estereótipos”. O caso do crime estudado reflete muito este rompimento, principalmente quando a vítima, Sartunina Maria de Jesus pede a Bernardo da Motta Aragão que a deflore, pois só assim, cometendo esse crime, a mãe dela, dona Maria de Jesus, os deixariam casar. Neste sentido, a garota perde toda a noção da sociedade em que está vivendo, esquecendo que faz parte de uma sociedade preconceituosa que hostiliza, recrimina qualquer pessoa que fuja às regras vigentes. Nesta sociedade do início do século XX, a família constituía-se como principal integrante, a mesma era a base da sociedade, portanto o papel da mulher era zelar pela ordem e moral. Quando tal crime acontecia significava uma ofensa à honra da família, pois a virgindade feminina significava toda a honra da família e da sociedade. A honra feminina estava vinculada à honestidade, mas a definição de honestidade diferenciava-se entre homens e mulheres. Enfim, a prática da sexualidade na sociedade patriarcal foi sendo concebida como natural ao sexo masculino, sendo permitida até mesmo fora do casamento, devido ao instinto sexual do homem. O acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres, como direito masculino, legitimado pelo casamento, contribuiu para reforçar a dominação masculina. Fica clara que a preocupação com a virgindade feminina era um meio de mostrar a dominação sobre as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises, foi possível demonstrar a importância de um documento como o auto de defloração, pois através dele podemos conhecer a sociedade, os hábitos, os costumes e as mentalidades de uma época. Sendo assim, verificou-se que os comportamentos masculino e feminino sempre estiverem em conflito, pois o homem, desde o advento das sociedades patriarcalistas, subjugou a mulher.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. 2003. *A Escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. 2. ed. Recife: UFPE / Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana.
- ALVAREZ, M. C. 1996. *Bacharéis, criminologistas e juristas: saber jurídico e a nova escola penal no Brasil (1889-1930)*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CAULFIELD, Sueann. 2000. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Unicamp.
- COULOURIS, D. G. 2004. *Violência, gênero e impunidade: a construção da verdade nos casos de estupro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- FOUCAULT, M. 1997. A mulher/os rapazes. In: _____. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. v. 3
- HALL, Stuart. 2000. Quem precisa de identidade? In: TADEU, Tomaz (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis-RJ: Vozes. p.103-133
- QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. 2007. *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX*. Salvador: Quarteto / Feira de Santana: UEFS.